

## UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE AS MULHERES DOS SÉCULO XII - XIV E AS LUTAS QUE ENFRENTAM DESDE A IDADE MÉDIA

*Lucas Nascimento Assef de Carvalho<sup>1</sup>*

Quando escutamos a palavra “Idade Média” geralmente as primeiras coisas que vêm em nossas cabeças são os grandes castelos, os poderosos reis e o feudalismo que estudamos durante o nosso ensino fundamental e médio, porém no momento em que começamos a estudar mais a fundo a história que se encontra entre a Idade Antiga e o Renascimento percebemos que nossos pensamentos estão presos a superfície de informações deste período e de que a nossa configuração de mundo recebeu influência direta desta época.

O regresso da vida das cidades para o campo desencadeou um processo de reconstruções políticas, econômicas, sociais e principalmente ideológicas, porém para alguns estudiosos esse tempo de mudanças, que no final das contas foi bem significativo, é visto como um atraso, um tempo perdido, uma época que não deveria ter ocorrido e isso atua como um bloqueio, uma parede que nos impede de ir mais a fundo nas investigações desse passado. Entretanto ao investigarmos, vasculharmos e cutucarmos sobre a construção da Mulher neste período nos tornamos capazes de enxergar e compreender melhor o porquê que a pessoa do sexo feminino enfrenta tantas dificuldades, e estudar a temática a partir da visão de Georges Duby e Michelle Perrot, como um historiador, atento a cada pequeno detalhe, com o objetivo de buscar entendimento sobre um assunto que até então não é tão discutido, torna-se possível construir uma opinião, uma linha de pensamento sobre a história das Mulheres da Idade Média.

E algo que chamou bastante minha atenção durante as devidas leituras é a forma como as autoras buscam levantar questões sobre como a mulher era tratada nos diferentes períodos que são trabalhados no livro, sendo os assuntos divididos em três partes: As mulheres do século V ao século X, Ordem Feudal (séculos XI-XII) e O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500), o que permitiu o melhor compreensão do assunto, e de certa forma permitiu lembrar como a sociedade medieval funcionava. A partir disso, iniciei uma sequência de reflexões, bem como o

---

<sup>1</sup> Bacharelado em História pela Universidade Federal do Acre. Técnico em Segurança do Trabalho pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (2019). E-mail: [lucasamazonia19@gmail.com](mailto:lucasamazonia19@gmail.com)

levantamento de questionamentos sobre a temática trabalhada, da mesma forma que as autoras fizeram durante os textos, de como era a vida das Mulheres e de que forma as divergências explicam a mediocridade das fontes da história sobre elas, contexto que permitiu a seguinte afirmação neste texto: o continente europeu durante sua construção política, social e econômica recebeu influências, diretas e indiretas, da Idade Média, lembrando que se referindo ao Brasil, fomos colônia de Portugal, país que já existia no período que é trabalhado no livro (século XII ao XIV). Dito isto, a dificuldade de achar informações sobre Mulheres na Idade Média, sejam elas em forma de textos ou de imagens referentes ao século estudado, é fruto da despreocupação com a escrita da história, além dos fatores políticos relacionados à contemplação dos feitos da Monarquia, com ênfase no sexo masculino, até porque os responsáveis por escrever sobre esses acontecimentos e ocorridos também eram homens, o que mais tardar revela a necessidade de ter pesquisadore(a)s crítico(a)s das relações de gênero e sexualidade escrevendo a história das Mulheres.

Para além dos fatores políticos, durante a leitura do livro de Duby e Perrot, percebo que o sexo masculino possui medo do ser feminino. Margareth Rago em seu artigo sobre “Feminizar é preciso: por uma cultura filógina” diz que “Os debates sobre a definição das esferas sexuais, a ameaça de perda de virilidade da civilização, o avanço dos valores femininos na cultura acirraram as controvérsias entre os teóricos da Modernidade, desde meados do século XIX” (2001, p. 61), em outras palavras o homem ficou receoso de perder a sua “liderança”, seu posto de “guerreiro”, que sua presença na criação de determinadas áreas como a indústria, a ciência, a arte e o comércio, conforme mencionado por Rago, fosse desfeita com a presença do sexo feminino.

Os anos na Idade Média passaram, e no século XXI também, mas a visão do homem em relação à Mulher não mudou comparada ao período abordado, atualmente encontra-se sendo vista como um simples objeto de prazer e de procriação, isso fica perceptível em rodas de conversa de jovens do sexo masculino nos corredores da universidade. A igreja por sua vez contribuiu com essa dominação e construção de poder masculino ideológico sobre as mulheres, com os versículos das escrituras sagradas, afirmando que a esposa deve ser submissa ao homem, mesmo tendo como grande símbolo a mãe de Jesus, em alguns casos, principalmente nos mosteiros destinados aos aspirantes a monge, como é retratado no filme *Em Nome da Rosa*, a mulher é vista como a raiz de todo mal.

Um exemplo desta situação destaca-se também durante o período feudal, onde a igreja passa a construir seu poder e influência decorrente das grandes quantidades de terras que se encontravam nas suas mãos. Algo neste período que levou ao enraizamento desse pensamento da igreja em relação

à mulher é a falta de conhecimento sobre a biologia feminina, pois como nos diz a pesquisadora Maria Filomena Dias Nascimento: “Acreditava-se que o sangue menstrual impedia a germinação das plantas, matava a vegetação, oxidava o ferro e transmitia raiva aos cachorros. Estas crenças terminaram por ajudar a justificar fatos tão transcendentais como a negação masculina em permitir a participação ativa da mulher nas missas, assim como a proibição de tocar os ornamentos sagrados e, finalmente, sua exclusão das funções sacerdotais” (NASCIMENTO, 1997, p. 5).

Esta escrita então se tornaria fácil, uma vez que precisaria apenas elaborar críticas sobre as condutas políticas, sociais e econômicas da sociedade masculina medieval, englobando os setores da igreja, monarquia e comércio, contudo precisamos lembrar de algo fundamental quando se estuda o período da Idade Média. Os povos que formaram os grandes reinos do continente europeu não eram apenas descendentes do antigo império romano, mas também dos povos bárbaros que chegaram na Europa buscando por terras, e minha intenção ao lembrar desse fato relacionado a construção social de um povo, é devido a forma como cada tribo tinha a sua forma exclusiva de tratar o sexo feminino. As autoras, inclusive, afirmam que as Mulheres visigóticas detinham mais direitos do que as demais Mulheres germânicas, contexto da cultura germânica que muda no contato com a cultura romana, em específico o direito, a arquitetura e a organização social, direcionando a vida feminina para um “ajuste” de acordo com diversos tipos de códigos legais do antigo Império Romano, ou seja, ocorre uma assimilação cultural quanto as questões referentes à Mulher, o que leva a uma análise mais profunda do material.

Durante a leitura do livro me chamou atenção o momento em que as autoras falam da concepção de certas “melhorias” que aconteceram na vida das Mulheres, mas elas advertem sobre as motivações por trás dessas mudanças. Temos como exemplo, o rei Carlos Magno que proporcionou melhores condições de vida para suas criadas, porque não queria que suas tarefas fossem prejudicadas, o próprio casamento era visto não como uma união de amor e sim de interesses, principalmente quando envolvia questões comerciais ou políticas separado em três etapas: o pedido, os esponsais (contrato de casamento) e as núpcias, determinando essa sequência de ações que muitas vezes era inquestionável por parte da noiva. Ainda tratando de questões matrimoniais na Idade Média, algo que causou certo “choque e espanto” foi a evolução das leis em benefício do sexo masculino, já que em relação ao divórcio, um marido poderia a qualquer momento se divorciar de sua esposa, porém o contrário não era permitido, a Mulher precisava manter-se fiel e obediente, assim como também não adulterar.

As Mulheres do período medieval encontravam-se no meio de um tiroteio, de forma bem literal, pois em um momento elas estavam sendo sufocadas por leis e códigos civis que as deixavam de mãos atadas, na maioria das vezes seus pais, irmãos ou esposos, eram quem gerenciavam suas vidas, e em outro, era a igreja quem condenava suas atitudes por terem se envolvido com a prostituição, que em alguns casos, como é abordado na obra resenhada, era a última opção Delas, para sobreviver. Nos momentos fora de casa, longe de sua família controladora, ou no caso de algumas vivendo em mosteiros, via-se a liberdade ao alcance de suas mãos, mas até isso durante a época Carolíngia foi limitado de suas vidas, pois a Mulher medieval como ser independente tanto economicamente, quanto ideologicamente, exalava um medo nos corações masculinos de todas as camadas sociais.

A perseguição do sexo feminino não se dava apenas na monarquia ou no comércio (área de atuação da Burguesia), mas também nas famílias camponesas que trabalhavam nos lotes de terra, os mansos, e que mais tarde se tornariam os feudos. A caminho do fim da devida leitura percebi que as Mulheres, não só da Idade Média, mas também da Idade Antiga, já lutavam por espaço, por liberdade, por mais direitos, por reconhecimento, força essa que se manifesta no nosso século, e para percebê-la precisamos apenas aguçar nossos olhos e ouvidos, principalmente porque Rago nos traz uma fala de Georg Simmel “[...] as mulheres trariam uma colaboração muito enriquecedora, em função de sua formação e experiência singulares, desconhecidas dos homens, desde que aceitas e reconhecidas” (p. 62, 2001).

Atualmente nos encontramos no ápice do século XXI onde convivemos com grandes avanços da tecnologia, não só em nível de Brasil, mas de mundo, a economia e a política enfrentam altos e baixos, e os movimentos sociais em prol de alguma causa têm ganhado palco, como por exemplo, as manifestações contra a atual gestão presidencial do Brasil, pois as pessoas estão percebendo, aos poucos, a necessidade da mudança, e as lutas das Mulheres do século XII, hoje possuem várias vozes que defendem com unhas e dentes direitos já conquistados e os que ainda estão por vir. Contudo devido a configuração de mundo, que ainda permanece machista desde a Idade Antiga, cito como exemplo a exclusão das Mulheres da política grega, e que com o passar dos séculos apenas serviu como força para propagar essa “ideologia”, ainda me deparo através dos jornais, com situações semelhantes as que aconteciam na Idade Média... esposas que vivem em cárcere privado e feminicídio com a justificativa de “Se não for minha, não será de ninguém”.

Por fim, concluo esta resenha dizendo que essa repressão ao sexo feminino, não foi apenas por questões “ideológicas de superioridade”, mas também por medo, como já foi abordado nos

parágrafos acima, afinal temos exemplos de Mulheres que se tornaram bem sucedidas no nível de alguns senhores donos de terra, como exemplo as senhoras feudais relatadas pela pesquisadora Maria Filomena Dias, porém uma parte do mundo foi pautado no legado dos povos antigos, e o Brasil foi colonizado por seus descendentes, e essa “herança” reflete na história ao omitir os feitos do sexo feminino ou considerar a necessidade de escrever sobre. É necessário que a historiografia deixe de ter um olhar machista, renovar essa visão e escavar a história feminina que é mantida enterrada, cabe a nós, a nova geração de historiadores que está sendo ensinada a pensar fora da caixa, não ficar preso a concepções antigas estabelecidas por um povo que reproduz constantemente o discurso dos “vencedores”.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Elizabeth Santos. Fundamentos históricos da separação entre trabalho de homem e trabalho de mulher: algumas notas. **Revista HISTEDBR On-line**. UESB. Campinas, n.41, p. 174-187, mar. 2011.

CLEOFAS. AQUINO, Felipe. **O Sistema Feudal**. Disponível em: <https://cleofas.com.br/o-sistema-feudal/>. Acesso em: 22 out. 2019

CLEOFAS. AQUINO, Felipe. **O que é um Tribunal Eclesiástico?** Disponível em: <https://cleofas.com.br/o-que-e-um-tribunal-ecclesiastico/>. Acesso em: 31 out. 2019.

DIREITONET. DICIONÁRIO JURÍDICO. **Esponsais**. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/1324/Esponsais>. Acesso em: 02 nov. 2019.

DUBY, G.; PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente** - O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). EBRADIL, São Paulo, v. 2: A Idade Média, n° 476.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Beguinas, mulheres que conduziam o ministério feminino**. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/539424-beguinas-mulheres-que-conduziam-o-ministerio-feminino>. Acesso em: 02 nov. 2019.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. São Paulo **Perspec.** [online]. 2001, vol.15, n.3, pp.58-66. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/YbZcHxhdbxkMk6CW3bC69pL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2021.

SIGNIFICADOS. **Significado do Feudalismo**. O que é Feudalismo. Disponível em: <https://www.significados.com.br/feudalismo/>. Acesso em: 22 out. 2019.

TUDORBRASIL. NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. **A mulher na Idade Média: Existiram senhoras feudais?** 2016. Disponível em: <https://tudorbrasil.com/2016/02/20/a-mulher-na-idade-media-existiram-senhoras-feudais/>. Acesso em: 22 out. 2019 e 03 nov. 2019

VIX. NOBUO, Paulo. **17 frases machistas que jamais deveríamos tolerar.** Disponível em: <https://www.vix.com/pt/bdm/comportamento/17-frases-machistas-que-jamais-deveriamos-tolerar>. Acesso em: 22 out. 2019.

**O NOME DA ROSA.** Produção de Jean-Jacques Annaud. Itália, Alemanha e França, 1986.

**ROBIN HOOD – A ORIGEM.** Direção: Otto Bathurst. Distribuidor: Paris Filmes. Estados Unidos da América, 2018.

*Data de submissão: 13/08/2021*

*Data de aprovação: 20/10/2021*